

Festividades e a construção de identidades no mundo romano: repensando o governo de septímio severo.

Ana Teresa Marques Gonçalves.

Cita:

Ana Teresa Marques Gonçalves (2011). *Festividades e a construção de identidades no mundo romano: repensando o governo de septímio severo. XIII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Humanidades, Universidad Nacional de Catamarca, Catamarca.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-071/7>



Universidad Nacional de Catamarca



Facultad de Humanidades

**XIII Jornadas Interescuelas
Departamentos de Historia
10, 11, 12 y 13 de agosto de 2011**

Mesa Nº 1

Mito, simbolismo y tradición en los procesos de conformación de identidad en las comunidades del Mediterráneo Antiguo en los tiempos Helenos, Romanos y Tardo-antiguos

Coordinadoras: Viviana Boch y Graciela Gómez

Ponencia: FESTIVIDADES E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO MUNDO ROMANO: REPENSANDO O GOVERNO DE SEPTÍMIO SEVERO

Autora: Ana Teresa Marques Gonçalves¹

Procedencia: Universidade Federal de Goiás (UFG) – Brasil.

Mail: anateresamarquesgoncalves@gmail.com

Documento: 07605987-2

Como afirma Ramón Teja, em seu artigo “Il Cerimoniale Imperiale”, os rituais não são máscaras para o poder, mas uma forma de poder². Desta forma, os rituais e as festas também se transformaram em assuntos cujo interesse tem se mostrado extremamente profícuo para os estudos históricos. A partir da percepção de que num momento festivo ou ritualístico se definem várias formas de interação e de relacionamento social, criando-se hierarquias e estruturando-se formas de poder, as festividades passaram a ser vistas como objetos históricos por excelência.

Como ressalta Klaus Bringmann³, num artigo sobre os festejos triunfais dos Imperadores, os romanos não conheceram festas que não fossem ao mesmo tempo religiosas e profanas, visto que todos os atos que eram realizados em nome da comunidade política eram, ao mesmo tempo, feitos visando uma comunidade de culto.

¹ Professora Adjunta de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Goiás (UFG) – Brasil. Doutora em História Econômica pela USP. Bolsista Produtividade do CNPq.

² TEJA, R. Il Cerimoniale Imperiale. In: MOMIGLIANO, A.; SCHIAVONE, A. (dir.). *Storia di Roma*. Torino: Giulio Einaudi, 1993. V.3(1), p.613-642.

³ BRINGMANN, K. El Triunfo del Emperador y las Saturnales de los Esclavos em Roma. In: SCHULTZ, U. *La Fiesta: Una Historia Cultural desde la Antigüedad hasta Nuestro Dias*. Madrid: Alianza, 1988. p. 65-75.

As festas antigas traçam perspectivas que apontam o passado e o futuro de uma coletividade. Por elas, a comunidade reunia o que ocorria no presente, relembra o passado e indicava metas para o futuro.

A festa é um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva e gera e/ou indica vínculos sociais a serem resgatados e/ou mantidos. Toda comunidade precisa de algo para celebrar, pois toda festa é um tempo consagrado. A realização de cerimônias públicas, de momentos festivos, é uma forma sofisticada muito antiga de comunicação com objetivo político, pois as festas ajudam a manipular a opinião pública, a persuadir através de imagens e a legitimar o mando, sendo, deste modo, um dos vários instrumentos de poder. No desenrolar das festas, divulgam-se mensagens, imagens, símbolos e mitos, que auxiliam no controle social. A linguagem festiva é, sobretudo, imagética, o que explica seu alto poder de persuasão, de busca de consentimento e de apoio ao poder, garantindo uma impressão de unidade, fundamental para a manutenção do comando.

As festividades garantem ao detentor do poder visibilidade e popularidade, importantes instrumentos para a aquisição e a manutenção do comando social⁴. E os romanos souberam muito bem utilizar suas festas como formas de conseguir o apoio das divindades para seus intentos e garantir a legitimação dos soberanos. O calendário de festividades (*feriae*) era imenso e comportava verdadeiros ciclos festivos bastante heterogêneos nas formas de comemoração. As festas misturavam várias formas de agradar aos deuses e aos homens. Numa mesma festividade poderiam ocorrer procissões festivas, sacrifícios de animais, jogos gladiatórios, banquetes públicos, corridas de carros, entre outras atrações.

David Cannadine⁵, na introdução do livro *Rituals of Royalty*, comenta que não se pode separar o estudo da política da análise das cerimônias, pois há o poder do cerimonial e as cerimônias do poder. Para se exercer a soberania tem-se que misturar elementos políticos e fenômenos místicos. O espetáculo no teatro do poder não é um elemento subsidiário, mas sim parte efetiva do poder político, pois por intermédio de sua realização se busca a confirmação do consenso e da manutenção da hierarquia nas comunidades e a legitimidade do soberano. As cerimônias auxiliam, assim, o soberano a tornar o seu poder visível. As cerimônias são meios para se manter a ordem social. O cerimonial aparece, sobretudo, em momentos nos quais um indivíduo passa de um papel

⁴ BELL, A. J. E. Cícero and the Spectacle of Power. *Journal of Roman Studies*. London, 87:1-22, 1997.

⁵ CANNADINE, D.; PRICE, S. (ed.). *Rituals of Royalty*. Cambridge: University Press, 1987. p.1-19.

a outro, podendo ser encarado como um fenômeno teatral e uma forma de comunicação, pois confere prestígio a quem participa dele, legitima papéis e confirma o consenso. Por isso, é fundamental ao poder político deter o controle das festividades⁶.

Outra pesquisadora que tem enfatizado a importância das cerimônias, rituais e festas em Roma, para o fortalecimento da identidade e criação do consenso, é Florence Dupont⁷. Em sua obra *L'Acteur-Roi ou le Théâtre dans la Rome Antique*, ela enfatiza que a autoridade é conquistada às custas de uma liderança carismática que precisa desenvolver um componente visual. Para ela, uma das mais importantes cerimônias da “política do espetáculo romana” foi exatamente a apoteose dos soberanos mortos feita pelos seus sucessores. Nela cada setor social tinha a possibilidade de se estruturar hierarquicamente. O olhar do cidadão era necessário para que se instaurasse a clivagem entre governantes e governados, entre magistrados e plebeus, entre senadores e cavaleiros. Por isso, eles possuíam lugares tão demarcados. E durante a cerimônia, o Imperador se fazia visível como Imperador, fechando a procissão fúnebre. Era também primordial a integração dos provinciais por intermédio da representação das regiões conquistadas e das oferendas dadas e lançadas na pira, para serem queimadas junto com a efígie de cera. A elite provincial dependia da legitimidade do Imperador para também se legitimar como elite. Por isso, sua presença na cerimônia era fundamental.

Uma das primeiras medidas de Septímio Severo, enquanto Imperador, foi promover a cerimônia da *consecratio* de Pertinax, de quem se dizia Vingador. Como demonstra C. J. Simpson⁸, fazer a apoteose de alguém era demonstrar uma apropriada piedade em relação ao morto. Sendo assim, a realização desta cerimônia e a sua posterior divulgação auxiliavam também o Imperador a fortalecer a sua imagem de Piedoso. Além disso, a divinização dos Imperadores mortos se unia ao culto imperial, um importante fator de coesão política dentro do Estado romano. Mediante a dedicação de estátuas e as devoções, que eram muito mais prestações de homenagem do que adoração nas províncias ocidentais, as cidades e os súditos dos Imperadores demonstravam sua lealdade e seu comprometimento com a manutenção da ordem política vigente⁹.

⁶ ROMANO, R. (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. p.76-389.

⁷ DUPONT, F. *L'Acteur-Roi ou le Théâtre dans la Rome Antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1985. p.13-14.

⁸ SIMPSON, C.-J. Imp. Caesar Divi Filius. *Athenaeum*. Pavia, 86(2):419-435, 1998.

⁹ NOCK, A. D. Religious Developments from the Close of the Republic to the Reign of Nero. In: *Cambridge Ancient History*. Cambridge: University Press, 1966. V. 10, p. 465-511.

Muito se tem discutido a respeito da extensão, diversidade e brutalidade dos espetáculos romanos. Em vários filmes, por exemplo “Ben Hur”, “Quo Vadis?”, “Spartacus” e “Gladiador”, e na série televisiva “Roma”, reforça-se a idéia de que os jogos romanos eram épicos de sexo e violência. Na tradicional dicotomia estabelecida entre gregos e romanos, os primeiros aparecem como intelectuais, democratas, altruístas e atléticos, e os segundos como conquistadores, violentos, perversos, brutais, opressores e propensos a jogos de guerra¹⁰. Contudo, os espetáculos antigos não podem ser historicamente entendidos a partir de sentimentos humanitários modernos. Os *spectacula* eram empreendimentos públicos feitos por razões religiosas e/ou políticas e que ajudavam a reforçar a ordem e o status social de seus participantes. São comumente divididos pelos locais em que ocorriam: chão dos circos (*ludi circenses*), para corrida de cavalos e carros, arena de anfiteatros (*ludi*) para combates de gladiadores e de feras, e palco dos teatros (*ludi scaenici*), para representações cênicas e concursos e apresentações de música, mímica e pantomimas.

Os jogos considerados mais antigos são as corridas de cavalos e de carros, associadas pela tradição ao reinado de Tarquínio, o antigo (616-579 a.C.), que teria mandado construir o primeiro circo, ainda de madeira, em Roma. As corridas teriam se tornado anuais em 366 a.C. Roma conheceu a construção de quatro circos de pedra: o de Flaminius, construído em 221 a.C., pelo censor Flaminius Nepos, onde hoje está o Palácio Caetani; o circo de Gaio, mandado construir por Calígula, onde hoje está o Vaticano; o *Circus Maximus* (150 mil lugares), mandado construir em 329 a.C., onde estava o circo de madeira feito erigir por Tarquínio, num vale entre o Palatino e o Aventino; e o circo de Maxêncio, na Via Appia, em 309 d.C.¹¹ No centro do Circo Máximo havia a *spina*, onde se colocaram alguns dos maiores monumentos de Roma, como obeliscos trazidos do Egito, a partir dos quais se contavam as voltas dos cavalos e dos carros. Havia corrida de homens montados em dois cavalos emparelhados, nas quais se julgavam a rapidez dos animais e a perícia do cavaleiro (*desultores*) em passar de um cavalo para outro em certos momentos da corrida e em simular combates. E havia a corrida de carros, que se distinguiam pelos tipos de atrelagens: dois cavalos – bigas, três cavalos – trigas, quatro cavalos – quadrigas. Por vezes, usavam-se de seis a dez cavalos em cada carros (*decemiuges*), normalmente em representações, mas do que em corridas.

¹⁰ KYLE, D. G. *Sport and Spectacle in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p.251.

¹¹ *Ibidem*. p.308.

Eram dadas sete voltas na pista e por dia se faziam normalmente de doze a trinta e quatro páreos¹². Ao longo da República e do Império foram se organizando as torcidas organizadas desses cavaleiros, que acabaram divididas em quatro facções: brancos (*factio albata*), verdes (*factio prasina*), azuis (*factio veneta*) e vermelhos (*factio russata*), que tinham campos de treinamentos próprios, com pistas de corrida, e contratavam a salários altos os melhores *aurigas*. Por vezes, o Imperador ia ao *pulvinar*, o camarote específico para a família imperial e seus convidados no Circo e lá recebia ovações ou vaias da platéia, podendo medir a sua popularidade. Além disso, era comum a prática da *sponsio*, a aposta entre particulares sobre o carro vencedor.

As primeiras apresentações cênicas teriam sido empreendidas em 363 a.C., para comemorar o fim de uma peste que teria acometido os romanos. Foram construídos em Roma três teatros de pedra: o teatro de Pompeu em 55 a.C., onde hoje está a Praça de Grotta Pinta; o teatro de Balbo em 13 a.C., no atual Monte dei Cenci; e o teatro de Marcelo em 11 a.C., ocupado em parte pelo Palácio Sermonetta na Via del Mare. As representações eram feitas de abril a novembro e contavam com leituras e representações de comédias e tragédias, pantomimas, mímicas e apresentações e concursos de dança e música¹³.

Já os *munera*, isto é, os combates gladiatoriais, vincularam-se inicialmente aos funerais privados das grandes famílias romanas, desde 308 a.C.¹⁴, e foram publicizados desde 264 a.C.¹⁵. Porém, foram oficializados como jogos públicos anuais somente em 105 a.C.¹⁶. O *munus* (que quer dizer dívida, tributo, obrigação), até então, era realizado às custas de particulares ricos, em honra de um parente defunto. Durante a República, vários magistrados ofereceram jogos à população, esperando seu apoio nas contendas políticas e militares que marcaram as guerras civis. No Império, a partir do governo de Otávio, todos os jogos eram feitos em nome do Príncipe, que possuía procuradores imperiais cuja função era organizar os jogos, contratando e pagando gladiadores e adquirindo feras.

Inicialmente devemos separar os *munera* das *venationes*. Os *munera* eram combates efetivados entre homens, relembrando batalhas do passado ou fazendo parselhas de combatentes de acordo com seus armamentos, enquanto as *venationes* eram

¹² CARCOPINO, J. *Roma no Apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 254.

¹³ *Ibidem*. p.261-272.

¹⁴ KYLE, D.G. *Op. cit.* p.273.

¹⁵ *Ibidem*. P.281.

¹⁶ CARCOPINO, J. *Op. cit.* p.246.

lutas entre animais ou verdadeiras caçadas, representadas na arena dos anfiteatros, que contrapunham homens a animais. Com as conquistas romanas de novas províncias, vinham para o anfiteatro animais cada vez mais exóticos, cuja presença nos jogos servia exatamente para relembrar ao público a força e a extensão do domínio romano. Eram elefantes, rinocerontes, leões, girafas, hienas e animais menores como cães e gatos.

O mais antigo dos anfiteatros permanentes foi construído por Caius Statilius Taurus, parente de Otávio, ao sul do Campo de Marte, em 29 a.C. Mas ele foi destruído por um incêndio em 64 d.C. O Imperador Vespasiano teve a idéia de construir um grande anfiteatro no local onde anteriormente havia o lago da *Domus Aurea* de Nero. Lá seus filhos Tito e Domiciano terminaram em 80 d.C. a construção do edifício que ficou chamado de Anfiteatro Flávio ou Coliseu (*Colosseum*, porque ficava ao lado de uma estátua colossal de Nero). Além dos combates terrestres (*hoplomaquia*), o edifício estava preparado para oferecer ao público as *naumaquias*, ou seja, combates de navios, que navegavam na arena sobre uma espécie de grande piscina cheia d'água. Trajano construiu um anfiteatro de reforço, o denominado *Anphitheatrum Castrense*, próximo hoje à Igreja de Santa Cruz em Jerusalém, e uma arena para *naumaquias*, a *naumaquia Vaticana*, próximo ao antigo Mausoléu dos Antoninos, hoje conhecido como Castelo de Santo Ângelo¹⁷.

O Coliseu (50 mil lugares) forma uma oval bem arredondada, onde no subsolo estavam as salas das feras e dos gladiadores, e havia o *podium*, onde ficava o camarote do Imperador e de sua família e convidados e os assentos com placas de mármore com os nomes de seus ricos ocupantes. Depois vinham três séries de arquibancadas (*maeniana*), divididas em seus quatro andares. Os gladiadores eram organizados em grupos, as *familia gladiatoria*, chefiados por negociantes especializados em combates, os *lenistae*. Normalmente eram escravos, que viam nas lutas gladiatoriais a chance de serem libertos. Treinavam no *ludus gladiatorius*, as escolas de treinamento, e na véspera das lutas participavam de um lauto banquete (*cena libera*), do qual o público poderia participar. Entravam na arena em desfile e procedia-se a *probatio armorum*, isto é, ao exame das armas. Eram sorteados os pares de duelistas e abriam-se com música os duelos. Conforme as aptidões físicas usavam armas diferentes: os samnitas empunhavam o escudo (*scutum*) e a espada (*spatha*); os trácios, um escudo circular (*parma*) e um punhal (*sica*); os *murmillones*, um capacete com a figura de um peixe

¹⁷ Ibidem. p. 274-275.

(*murma*) e uma espada; e os retiários, que em geral se lhes opõem com uma rede e um tridente. Havia os *lorarii*, responsáveis por açoitar na arena os maus gladiadores, e homens vestidos de Caronte que junto com os *libitinarii* tiravam os mortos e feridos da arena, além de revolver a areia suja de sangue.

Sob o governo de Otávio, organizou-se a apresentação dos jogos, a denominada *munera legitima*. De manhã, por volta das nove horas, ocorriam as *matutina*, ocorriam as *venationes*, combates entre animais (*bestiarii*) e dos *venatores* com feras. Um pouco mais tarde, no chamado *meridiani*, faziam-se as execuções públicas dos criminosos (*summa supplicia*, que poderia ser o combate com feras, a crucificação, a queima em fogueiras – tendo o que restou de seus corpos jogado às aves ou no rio Tibre, para que não pudessem ter um túmulo, um lugar de memória de seus feitos) e apresentavam-se danças e competições atléticas, e à tarde, eram realizados os combates entre gladiadores¹⁸. Sabemos que os jogos eram divulgados pela cidade por meio de cartazes e, *a posteriori*, cenas do espetáculo eram cunhadas nas moedas para serem conhecidas por todos os habitantes do Império.

Septímio Severo aproveitou duas grandes comemorações durante seu governo (193-211 d.C.) para oferecer jogos públicos aos seus súditos: os Jogos Seculares, que comemoravam a Fundação de Roma, e os *decennalia* do Imperador, isto é, a comemoração dos dez anos de governo do Príncipe.

Dion Cássio¹⁹ nos relembra que os jubileus decenais dos Imperadores tiveram sua origem no governo de Otávio. Este Príncipe havia recebido do Senado e do povo romano a honra de ter um *imperium* legal por dez anos, vendo-o renovado por mais dez anos e assim sucessivamente. Cada uma destas renovações legais dava lugar à celebração de uma grande festa. A prática da renovação decenal do *imperium* pelo Senado foi abandonada por Tibério, mas não a festa e a comemoração de pelo menos dez anos no poder. E foi assim, separada da concessão do *imperium*, que a festa tradicional chegou aos governos dos demais Príncipes.

Anualmente, celebrava-se em todo o Império, por intermédio de aclamações, o dia de aniversário da recepção do *imperium* pelo Príncipe, os chamados *dies imperii*. Porém, as festas denominadas de *decennalia* tinham outra amplitude. Davam lugar a cerimônias e jogos espetaculares e eram comemoradas com a construção de grandes

¹⁸ KYLE, D. G. Op. cit. p.297-298.

¹⁹ *Dio's Roman History*. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. v.9 (The Loeb Classical Library). LIII, 16.2-3.

obras públicas. Eram sempre realizadas em Roma com a presença do Imperador. A festa decenal era realizada ao início do décimo ano e não ao seu fim; devido a essa prática tradicional, as festividades de Septímio Severo, pro exemplo, foram em 202 d.C. e não em 203 d.C., já que recebeu o título de *imperator* e o reconhecimento do Senado pela primeira vez em 193 d.C.²⁰. E estas festividades em Roma contaram com uma importante testemunha ocular, Dion Cássio, que nos deixou em sua obra a sua descrição dos festejos.

Segundo o relato diôneo²¹:

“Na ocasião do décimo aniversário de sua ascensão ao poder, Severo presenteou o conjunto daqueles que se beneficiavam das distribuições de trigo (a plebe frumentária) e os soldados da Guarda Pretoriana com moedas de ouro em igual número aos anos de seu reinado. Ele vangloriou-se de sua generosidade, e, de fato, nenhum Imperador anterior tinha gasto tanto dinheiro com a população. Estima-se que gastou no total duzentos milhões de sestércios (cinquenta milhões de dracmas)”.

Segundo Fergus Millar, este pequeno estrato do texto diôneo é a descrição mais detalhada que existe de um congíario, ou seja, da distribuição de moedas à plebe, pois, segundo ele, se percebe que o congíario era calculado em aureos. Ele afirma que a generosidade do ano de 202 d.C. equivaleu a um quarto dos ganhos anuais do Estado romano²², demonstrando a importância política e econômica desta distribuição no início das festas decenais.

Além disso, aproveitou-se a ocasião para se realizar o casamento do novo Augusto e sucessor indicado de Septímio, Caracala, com a filha do Prefeito do Pretório e *comes* do Príncipe, Plautiano, já se buscando a criação de mais uma geração de Severos, pela espera de filhos para Caracala e Plautila. Seguindo-se a narração de Dion Cássio²³:

“As núpcias de Antonino, filho de Severo, e de Plautila, filha de Plautiano, foram celebradas neste momento. E Plautiano deu a sua filha um dote suficiente para garantir o casamento de cinquenta

²⁰ CHASTAGNOL, A. Les Fêtes Décennales de Septime-Sévère. *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*. Paris, 7:91-107,1984.

²¹ Dion Cássio, LXXVII, 1.1

²² MILLAR, F. Les Congiaires à Rome et la Monnaie. In: GIOVANNINI, A. (ed.). *Nourrir la Plèbe*. Kassel: F. Reinhardt, 1991. P. 143-159.

²³ Dion Cássio, LXXVII, 1.2

princesas. Nós vimos os presentes quando foram carregados do Fórum para o Palácio”.

Percebe-se, desta forma, como os casamentos, eventos iminentemente privados, eram publicizados pelo transporte do dote e dos presentes em via pública e pela ocorrência de banquetes públicos em honra dos noivos. Plautiano, por exemplo, aproveitou a ocasião e a afluência de pessoas para Roma, para assistirem a realização da festa, para expor publicamente sua riqueza, seu poder e sua proximidade com a família imperial. Além de casar sua filha com o Príncipe herdeiro, Plautiano forneceu um dote descomunal que foi carregado como uma procissão do Fórum para o Palácio.

Como era necessário também integrar os aristocratas na festividade, segundo Dion²⁴, foi oferecido um banquete:

“E nós participamos juntos de um banquete, em parte real em parte com um estilo bárbaro, no qual foram servidos não somente todas as costumeiras carnes cozidas, mas também carne crua e diversos animais ainda vivos”.

No banquete se revigoravam as forças dos convivas e se uniam em torno da família imperial os principais cidadãos do Império. Este banquete era tanto nupcial, pois sucedeu o casamento de Caracala, quanto de comemoração pelo poder que se mantinha há dez anos. Ele integrava, segundo André Chastagnol²⁵, os atos religiosos às festas decenais. Antes do banquete, havia sacrifícios e libações e se faziam procissões religiosas pela cidade até o templo de Marte, buscando-se o apoio das divindades ao governo comemorado.

E não se concebia organizar uma festa sem que jogos e espetáculos ocorressem. Como nos diz Dion Cássio²⁶:

“Neste tempo, ocorreram todos os tipos de espetáculos em honra do retorno de Severo, da comemoração de seus dez primeiros anos no poder e de suas vitórias. Nestes espetáculos, lutaram uns com os outros, a um sinal dado, sessenta javalis selvagens de Plautiano, junto com vários outros animais selvagens, que foram mortos, incluindo entre eles um elefante e um *corocottas* (uma espécie de hiena). Este último animal é uma espécie indiana, que foi introduzida em Roma

²⁴ Dion Cássio, LXXVII, 1.3.

²⁵ CHASTAGNOL, A. Aspects Concrets et Cadre Topographique des Fêtes Décennales des Empereurs à Rome. In: *L'Urbs: Espace Urbain et Histoire*. Rome: École Française de Rome, 1987. P.491-507.

²⁶ Dion Cássio, LXXVII, 1.4-5

neste momento pela primeira vez, segundo meu conhecimento. Tinha a cor de uma leoa e de um tigre combinados, e a aparência geral destes animais, como também de um cachorro e de uma raposa, curiosamente listrado. No centro do anfiteatro foi construído um grande receptáculo de água dentro do qual se construiu um navio, e este navio era capaz de receber e de liberar quatrocentas feras de uma só vez. Depois o navio foi bruscamente escondido na água, e de dentro dele passaram a surgir na arena ursos, leoas, panteras, leões, avestruzes, asnos selvagens, bisões (este é uma espécie de boi estrangeiro em espécie e aparência). Então, setecentos animais ao todo, entre selvagens e domesticados, um de cada vez ou ao mesmo tempo, foram sendo abatidos, enquanto corriam para todos os lados. Para corresponder a duração da festa, que durou sete dias, o número de animais abatidos foi sete vezes cem”.

Assim, foram três os motivos de comemoração e não apenas um, como no tempo de Otávio: o retorno do Príncipe para Roma, os dez anos no poder e suas vitórias. Deste modo, Severo aproveitou vários motivos para comemorar numa mesma ocasião e da forma mais pública possível.

Herodiano também se referiu a esta festa em sua obra²⁷:

“Depois de concluir com êxito a campanha do Oriente, Severo se pôs em marcha apressada para Roma com seus filhos, que já estavam na idade da adolescência. No caminho atendeu aos assuntos das províncias, segundo as circunstâncias de cada caso, e visitou os exércitos da Mésia e da Panônia. Assim que chegou a Roma, foi recebido em triunfo pelo povo romano com aclamações e pompa extraordinárias. Ele ofereceu sacrifícios e dedicou ao povo festas com jogos e espetáculos. Efetuou, da mesma maneira, uma generosa distribuição de dinheiro e pagou jogos triunfais”.

Além disso, era comum que quando um Imperador tomava conta do poder e na ocasião da comemoração de seus jubileus, eram-lhe feitos retratos que se exibiam em todo o Império. Os retratos originais, que serviam de modelo para as oficinas provinciais, saíam costumeiramente de Roma, quer fossem estátuas ou bustos, ou se

²⁷ HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985. III, 10.1-2.

faziam desenhos que eram coligidos em livros de modelos, que atravessavam o território imperial²⁸. Lembremos também, que em retribuição às vitórias, o Senado poderia não apenas votar honras triunfais, mas também ordenar a construção no Fórum de Roma, por exemplo, de arcos triunfais. O importante era que as vitórias e os grandes feitos fossem inscritos na memória romana.

Por sua vez, os jogos seculares de 204 d.C., celebrados por Septímio, foram os sétimos da série canônica, por isso receberam a posição de um evento quase oracular, pois os sétimos jogos seriam comemorados durante o governo de um Imperador chamado Septímio. Desta forma, seu potencial imagético e propagandístico era inegável, já que eles pareciam indicar o apoio divino ao governo de Severo. Otávio Augusto também havia tido a possibilidade de comemorar o jubileu da fundação da cidade de Roma, em seu governo, em 17 a.C., ajudando a glorificar o Principado e a idéia de *Pax Romana*.

Como Augusto aproveitou a comemoração da fundação de Roma para reforçar a idéia de que o governo estava estável e havia paz dentro das fronteiras, Severo continuou a comemorar as conquistas páticas, a certeza sucessória e também a paz que existia no Império. F. Coarelli destaca que os Jogos realizados por Augusto e por Severo são os melhor conhecidos pelos pesquisadores. E ele acredita que isto não é um mero acaso, mas a comprovação de que estes governantes foram os que melhor souberam aproveitar esta comemoração para divulgarem os seus governos²⁹. Os documentos escritos pouco falam desta comemoração. Apenas Herodiano, em sua obra, mesclou uma referência aos jogos de 197 d.C. com os Jogos Seculares de 204 d.C., afirmando³⁰:

“(Severo) tentava, sem dúvidas, ganhar o favor do povo oferecendo continuamente magníficos espetáculos de todo o tipo. Com frequência matou animais selvagens as centenas, trazidos de terras do Império e de fora dele, e efetuou generosas distribuições de dinheiro. Celebrou uns jogos triunfais, para os quais fez vir atores e gladiadores de todas as partes. Vimos durante seu governo representações de todo o tipo de espetáculos, em todos os teatros simultaneamente, e cerimônias religiosas celebradas durante toda a noite, a imitação dos mistérios.

²⁸ SCHUCHHARDT, W. H. *Arqueologia*. Lisboa: Meridiana, 1972. p.131-138.

²⁹ COARELLI, F. Note sui Ludi Saeculares. In: *Spectacles Sportifs et Scéniques dans le Monde Étrusco-Italique*. Rome: École Française de Rome, 1993. p.211-245.

³⁰ Herodiano, III, 8.9-10.

Elas se chamaram, então, de Jogos Seculares porque se celebraram quando haviam passado três gerações desde os últimos, segundo se dizia. Os mensageiros foram de um lado a outro de Roma e da Península Itálica, convocando a todos os que encontravam para contemplar jogos que nunca haviam visto antes e que nunca mais veriam. Assim, recordavam que o intervalo entre uma celebração e a seguinte ia além da vida de um homem”.

Deste modo, na concepção de Herodiano, a promoção de jogos equivalia à distribuição de dinheiro, na tentativa de conseguir o apoio da plebe de Roma. Contudo, ele se esquece que a presença nos jogos e nas outras cerimônias atingia vários outros estratos sociais. Os Jogos Seculares foram, sem dúvida, celebrações grandiosas, pois foram trazidos animais, atores e gladiadores de todas as partes, ocuparam-se todos os espaços de Roma dedicados às celebrações, indicando que elas foram de diversos tipos, vários rituais religiosos foram empreendidos e todos os habitantes do Império, principalmente da Península Itálica, foram convidados a comparecer. Pierre Grimal enfatiza que os Jogos em Roma eram mais que espetáculos. Eram momentos de reunião da cidade em torno de seus deuses, pois, para ele, os Jogos tinham funções iminentemente religiosas de agradecimento às potências protetoras, o que se vincula diretamente às comemorações dos Jogos Seculares³¹. As festas também eram momentos privilegiados para se fomentar a solidariedade entre os seus participantes, demonstrar riqueza e prazer, por isso se doavam nestes momentos altares, templos, arcos e outros prédios públicos³². Portanto, o governante se interessou em divulgar a realização destes Jogos por mensageiros e mediante a cunhagem de moedas.

Conhece-se melhor a realização desta comemoração pelas *Acta* dos jogos realizados por Severo, que foram encontradas em 1931 em Tarento³³, infelizmente, bastante fragmentárias. Por sua análise, sabemos que toda a família imperial participou das atividades promovidas e, principalmente, das cerimônias religiosas. Os Cônsules do ano dos Jogos foram Cilo e Libo, mas foi Severo quem dirigiu os ritos junto com Caracala, que já era Augusto desde 198 d.C., tendo também ao seu lado Plautiano, que era sogro do *imperator destinatus* desde as comemorações dos *decennalia*. Sabe-se que vários ritos foram empreendidos no Campo de Marte, o que garantia, na visão de F.

³¹ GRIMAL, P. *El Alma Romana*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p. 84-85.

³² MEIER, C. *Política e Graça*. Brasília: Edunb, 1997. p.55.

³³ Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL), VI, n. 32326 a 32336.

Coarelli, um certo toque militar e triunfal às comemorações, pois, segundo ele, os Jogos tinham um lado *pro victoria* e outro *pro valetudine*³⁴, já que só com a *virtus* dos governantes se poderia garantir a permanência do Império. Deste modo, são celebrações tanto militares quanto cívicas e religiosas.

A Imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio Severo, teve papel de destaque no segundo dia da festa, quando capitaneou uma grande procissão de 110 matronas romanas, dentre as quais ela era a primeira, e os ritos em honra de Juno Regina. Junto com ela também estavam duas Vestais, Numísia Maximilla e Terência Flávola, como vimos anteriormente. Sabe-se que esta ligação de Júlia com as matronas era antiga. Ela restaurou para as *matronis* (mulheres de senadores, cavaleiros e altos oficiais do exército, principalmente) um edifício especialmente construído para suas reuniões por Sabina, esposa de Adriano, no segundo século³⁵.

Na segunda noite, também foram feitos ritos em honra de Ilithya, a deusa dos Jogos Seculares, que era cultuada em Tarento, cuja equivalente romana seria Juno Lucina, que presidia os nascimentos. Pois estava se comemorando, antes de tudo, o nascimento de um novo século, de tempos novos. Desta maneira, houve no segundo dia uma forte presença feminina nas festividades. E o casamento de Caracala com Plautila em 202 d.C. garantia uma imagem de continuidade assegurada e de estabilidade perpétua. Na terceira noite, eram comemorados a fertilidade da terra, a justiça humana e divina, que deviam ser inseparáveis, e o soberano que não deveria morrer, ao menos por intermédio da memória de suas boas ações à frente do governo.

O objetivo fundamental das celebrações seculares era assegurar a sobrevivência da cidade até o século seguinte. Uma preocupação predominante era obter o favor dos deuses para que os cidadãos fossem poupados de doenças e de epidemias. Era importante também garantir em algum momento da festa o culto à *Dea Roma*, a própria encarnação do poder da cidade frente ao Império conquistado, e o culto à Juno *Moneta*, a representação da riqueza e da abundância imperiais³⁶.

Por isso, o mais importante nas comemorações era garantir a proteção dos deuses para mais cento e dez anos de abundância para o Império e seus habitantes. Severo não perdeu a ocasião de inaugurar por um gesto simbólico, exatamente a

³⁴ COARELLI, F. Op. cit. p. 239.

³⁵ CIL, VI, n. 997.

³⁶ BRIND'AMOUR, P. L'Origine des Jeux Séculaires. *Aufstieg Niedergang und Romischen Welt*. Berlin, 2(16), parte 2:1335-1420, 1972.

realização dos Jogos, uma nova era de alegria e de fecundidade que todo o Império esperava³⁷. Tanto que, antes da realização dos Jogos, costumava-se esperar o surgimento de prodígios, que eram interpretados pelos arúspices como sinais do início de um novo tempo³⁸.

Portanto, como afirma Arnaldo Momigliano³⁹, as estátuas, os templos, os sacerdotes, os jogos, os sacrifícios e outros atos cerimoniais que se executavam em honra do Imperador ajudavam a fazê-lo presente: também ajudavam o povo a expressar seu próprio interesse na conservação do mundo em que viviam. Comemorar o governante era também festejar a manutenção da situação vigente, prática esta que permaneceu presente até o mundo contemporâneo.

³⁷ GAGÉ, J. Les Jeux Séculaires de 204 ap. J.-C. et la Dynastie des Sévères. *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome*. Paris, 51:33-78, 1934.

³⁸ COARELLI, F. Op. cit. p. 219.

³⁹ MOMIGLIANO, A. *De Paganos, Judíos y Cristianos*. México: FCE, 1992. p.170.